

Franco-atiradores passam anônimos pela urna

Candidatos fizeram campanha, apertaram mãos, sorriram, mas continuaram incógnitos

PATRICIA FERRAZ
e PATRICIA CAMPOS MELLO

Elas sonharam chegar ao governo do Estado, ao Senado, à Câmara e à Assembleia Legislativa. Se encheram de esperança e saíram de casa para votar — neles mesmos. Acabaram passando pelo constrangimento de não serem reconhecidos nem no próprio bairro. Ensaíram acenos, distribuíram sorrisos para os companheiros de fila e fizeram questão de dar a mão aos mesários — mas, apesar dos esforços, continuaram incógnitos.

Nenhum eleitor sequer reconheceu o candidato ao governo de São Paulo pelo PSC, Eduardo Resston, no trajeto até sua seção eleitoral, no Jockey Clube. O candidato votou no começo da manhã, acompanhado pela família — todos vestiam branco, mas garantem que não se tratava de nenhuma superstição. “É coincidência”, afirmou o candidato.

Resston saiu de casa consciente da derrota: “Sei que vou perder, mas estou feliz.” E explicou: “Até dois meses atrás eu era desconhecido; agora muitas pessoas já me conhecem e vão votar em mim.” Ele atribui a falta de popularidade ao partido: “Meu partido é novo, pequeno e há até pouco tempo não estava regularizado.” Da campanha, o candidato guarda um ressentimento: “Os outros concorrentes roubaram minhas idéias — entre elas a da cesta básica de materiais de construção.”

Popularidade no bairro também não é o forte do candidato ao senado pelo PDT, Carlos Caboclo. Se depender dos eleitores de sua própria seção eleitoral — onde foi mesário e chegou até a presidente de mesa — ele não tem a menor chance de se eleger. Nas poucas quadras que separam o comitê de sua seção eleitoral, foi reconhecido apenas por um vizinho.

Na pequena fila que se formou por volta das 10h em sua seção, ninguém o cumprimentou. “Conheço todos os candidatos ao Senado, mas esse aí não”, disse a eleitora Olga Ross Brites, de 70 anos. No melhor estilo de quem não perde a chance de angariar votos, Caboclo fez questão de dar a mão ao presidente da mesa, que assim que ele saiu, virou-se para os companheiros e perguntou: “Esse aí é deputado?” Ninguém soube responder.

Antes de votar, Caboclo conseguiu garantir pelo menos um outro voto, o de sua mãe, Olympia, de 80 anos, que pela idade tem voto facultativo. Na seção dela tampouco houve quem reconhecesse Caboclo. Mas o candidato garante que não há motivos para abatimento: “Não preciso me expor para ganhar a eleição.”

Para “não dar voto a nenhum concorrente”, Caboclo votou apenas em seu nome para o Senado e deixou o outro espaço em branco. Depois de depositar a cédula na urna sozinho e incógnito, caminhou de volta ao comitê.

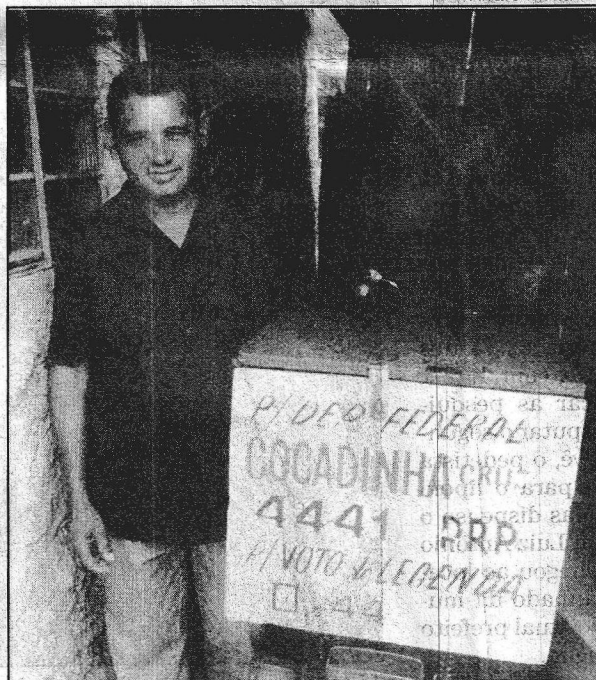
Antes de sair de casa, Ângelo



José Luis Cordeiro/AE



Caboclo e a mãe Olympia: “Não preciso me expor para ganhar”



Alvaro Motta/AE

Cocadinha e a moto de campanha: “Guardou santinho, é voto garantido”

Lulu e o entusiasmado pipoqueiro: “Tremi muito na hora de preencher a cédula”

Botolusso, o Lulu, que disputa uma vaga na Câmara pelo PDT, garantiu ser muito conhecido no bairro de Pinheiros, onde mora. Mas de casa até a urna, não fez sucesso. Foi saudado com entusiasmo apenas pelo pipoqueiro.

Caminhou acompanhado da mulher e da sogra. A mulher conteve o entusiasmo, mas a

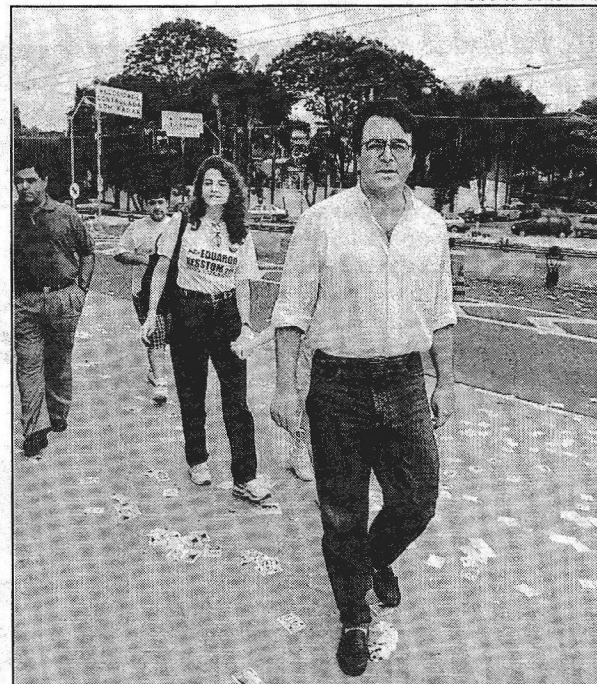
sogra, Maria José dos Santos, arrepiou. Sem parar de falar, espalhou santinhos por todo o trajeto. A explicação para tamanho entusiasmo é simples: a sogra é o principal cabo eleitoral de Lulu, cujo comitê é, literalmente, a casa da sogra.

Lulu sabe que vai perder as eleições, mas mesmo assim passou o dia ansioso. Rezou.

**NA CÉDULA,
O SONHO DE
MARCAR O
PRÓPRIO NOME**

Alemão da Borracharia: “O Capão Redondo é o terceiro bairro mais violento do mundo”

Eduardo Resston: “Vou perder, mas estou feliz porque agora muitos me conhecem”

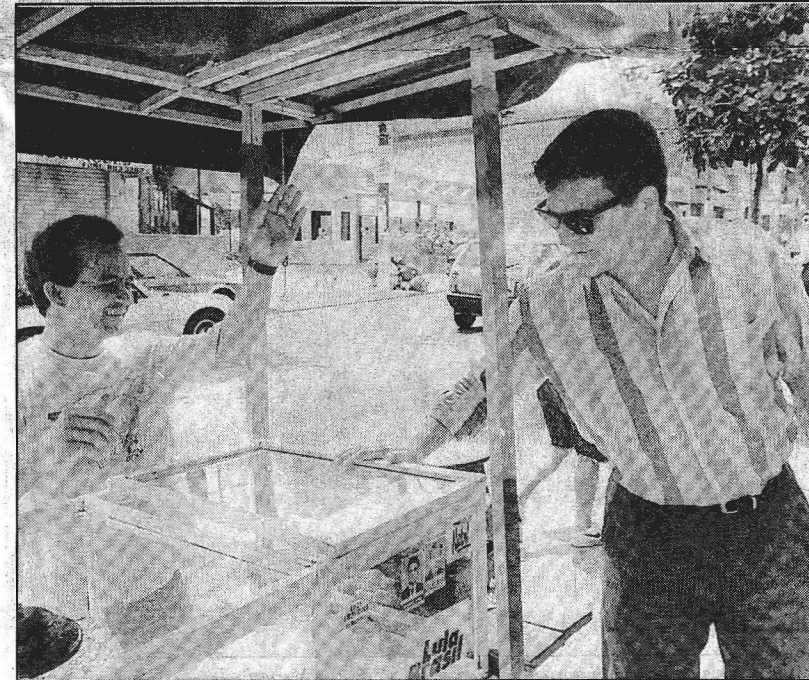


Roberto Selton/AE



Roberto Selton/AE

Chocolate não perde chance: “Só na família tenho 200 votos”



Alvaro Motta/AE

Precisou de cinco doses de uísque para dormir na véspera da eleição e confessou que tremeu muito na hora de preencher a cédula.

Quem também acha que não se elege é o Alemão da Borracharia. Ele concorre a uma vaga na Assembleia Legislativa, mas não recebeu apoio de seu partido, o PP, para a campanha e nem o material prometido pelo candidato ao governo do Estado, Luiz Antônio de Medeiros. Só há 15 dias levou santinhos com seu nome, doados por Mário Covas. Rapidamente, mu-

dou o apoio e passou a fazer campanha para o PSDB.

No dia da eleição, Alemão pulou da cama às 4h e foi fazer a boca-de-urna. Pegou um bolo de santinhos e plantou-se no semáforo em frente de casa, tentando cooptar mais alguns eleitores:

— Ladrão por ladrão, vote no Alemão! Porcaria por porcaria, vote no

Alemão da Borracharia — bradava para chamar atenção.

Houve um casal que se recusou a receber os santinhos:

— Já temos candidato — explicou o marido.

Alemão insistiu e acabou desabrindo que o candidato era um tal de Alemão da Borracharia.

Tapinha nas costas, acenos, sorrisos. A caminhada de Alemão até sua seção eleitoral foi divertida. Na frente seguiam o candidato, a mulher e a sogra. Atrás, filhas e sobrinhas, de camisetas e bandeirolas. A toda hora o candidato dava uma parada e cobrava os amigos:

— Como é, deu uma força aqui para o Alemão?

Sem muita esperança de conquistar um lugar na Assembleia, o candidato explica que sua principal luta é para melhorar a segurança do bairro. “O Capão Redondo é o terceiro bairro mais violento do mundo”, afirma o borracheiro. “Sou muito conhecido por aqui, mas acho que não vou me eleger.”

No caso do Cocadinha, o candidato a deputado federal Geraldo Ferreira da Cruz do PDT — ambulante que vende cocadas em Carapicuíba — popularidade também não significa voto. Pelo contrário, com esse apelido e planos de construir uma grande fábrica de cocada (com o salário de deputado) muitos eleitores acabam fazendo chacota dele:

— Votar no Cocadinha? É melhor votar em abacaxi. Você acha que eu vou votar num cara que vende cocada? — pergunta um eleitor do bairro.

Apesar de famoso pelas redondezas, ele não chega a ser o “rei da cocada preta”, mas desfila pelo bairro a caminho da urna retribuindo acenos e saudações.

Durante a campanha circulou pela cidade de moto — amarrando na garupa uma caixa de madeira com seu nome e número e distribuiu seus santinhos. Gastou R\$ 300,00 em combustível, quantia que pesou no orçamento de cerca de R\$ 500,00, das vendas de cocada e do trabalho de sua mulher como doméstica.

Cocadinha tentou se eleger vereador em 88, mas não emplacou. Dessa vez conta com o apoio dos fiéis da igreja evangélica Deus e Amor, da qual é adepto. E aproveitou a campanha para distribuir discos de música evangélica com o hit-parade “Segura na mão de Deus”, que tem estampada a foto do candidato ao governo de São Paulo, Francisco Rossi.

O candidato diz ter um truque para reconhecer eleitores:

— Guardou o santinho no bolso, é voto garantido — ensina.

Enquanto desfilara por seu reduto eleitoral, o bairro de São Mateus, durante o horário de votação, o candidato a deputado estadual Chocolate estava satisfeito. “Fui gente de todos os partidos, me apoiando”, dizia. “Só na minha família tenho 200 votos.” Mas a alegria acabou na hora em que ele foi votar, fora de seu reduto, no bairro de Vila Formosa. Ali, nenhum eleitor o reconheceu. Colaborou Mariana Cae-
tano

**MESÁRIO:
“QUEM É ESTE
AÍ? É
DEPUTADO?”**